

## Pará ou saudade é uma distância doendo

Lindanor Celina

Val “advogada” a nossa causa comum que era tirar Dalcídio daquele Rio de Janeiro de pungentes lembranças, afastá-lo por uns tempos do cenário da tragédia. Mas nos deparamos com um fato novo - aliás, só depois, noutras viagens, é que me dei conta disso: ao invés de considerar de forma negativa a cidade onde seu filho morrera e onde ele, Dalcídio, sofrera a maior dor de sua vida, parecia que mais e mais a ela se apegava. Não: Dalcídio intimamente não mais queria ir a Belém, ir a Soure, ao Marajó, aos campos, a lugar nenhum de sua infância ou mocidade, o seu mundo. Agarrava-se talvez inconscientemente àquele Rio em cuja terra ele dormia, o seu menino. Era? Penso que sim. Pois quantas vezes eu, em viagens subseqüentes, e o Val, ainda tentávamos atraí-lo para nós, para a Amazônia, e púnhamos defeitos na Guanabara que se transtornava e estava (já) uma espécie (pobre) de Chicago, um *far-west*, pintávamos todas essas pragas do Rio, insistíamos. Ele, meio sorrindo-triste, mas sem auto-compaixão, sorrindo de quê? da nossa tola insistência ou da inutilidade de qualquer outra excursão, qualquer outra viagem, para quê? sorria, seu olhar abrangia o mar, a montanha, o céu, a praia, as gentes e só dizia: “Ele amou esta cidade”, como se a verdadeira frase que de propósito trancava, fosse. É, vocês talvez tenham razão, isto aqui está se tornando impossível, não sou cego, vejo muito bem o que o Rio ganha (e depressa) de negativo a cada dia que passa, também sofro, há anos aqui padeço solidão e pobreza, sei, mas que querem vocês? foi aqui que ele viveu, esta era a cidade do seu bemquerer, e nenhuma outra, aqui ele está, em cada rua desse Leblon, dessa orla de praia, por aí ele andou, foi feliz, amou, quem sabe, e não quero ir mais a lugar nenhum, por uma fidelidade ao meu João, porque esta foi a cidade do seu amor.

Era, Dal? Isso que você queria expressar na simples frase, seu olhar abarcando o cenário com uma tristeza tão mais infinita e profunda porque dissimulada, encoberta pelos óculos e pelo pudor, era?

Sei que nunca mais Dalcídio voltou a Belém.

Mas nessa época ainda não sabíamos desse “nunca

mais”. Ainda bem que não adivinhamos, isso ajudou-nos a viver, a esperar por ele, a fazer planos, projetos, tantos. Mas não éramos nem um pouco conscientes de que tudo era um jogo, hem, Val? Você, tão lúcido, tão realista, você que dificilmente se ilude com os homens e com a vida (embora seja de uma credulidade natural quase infantil perante o Mal, a ruindade das gentes), você quem sabe fazia coro comigo na insistência, na esperança, os planos “para quando Dalcídio voltar”, você assim agia mais era por uma caridade, para poupar-me, para que eu continuasse nessa crença? Custei a abdicar dela. Só bem mais tarde, quando vi Dalcídio tão doente, e me dei conta de que tal projeto se tornara impraticável, é que comecei a aceitar (mal), a pensar: adeus, Belém, que Dalcídio já não te vê. Eu aceitava mal: pois Eneida não desembarcara ali praticamente carregada? Mas viera. Aos trancos, a bem dizer se morrendo, mas não viera, nas finais, nas penúltimas? Por isso, mesmo com a enfermidade nele instalada, eu ainda mantinha uma luzinha acesa cá dentro. Mas ele, Dalcídio, não. Talvez nem fosse coisa decidida, uma verdade última a que havia chegado: eu agora nunca mais irei lá. Sei que a partir de um certo momento notei que ele já não *esperava* mais voltar. Não que não quisesse. Dalcídio não se amputou do Pará, de Belém, do seu Marajó. Nem dos amigos. Nesse ponto, era ver meu Pai. O senhor Oscar d’Andrade Schmidlin Coelho, nem em Bragança nascido, mas que ali vivera toda a sua mocidade e o vigor dos seus anos, dos 26 aos 50, penso, nunca deixou de considerar aquele lugar como seu verô chão natal. Mal um amigo seu dali chegava, era o mar de perguntas: o Fulano, e Esse-Um, e Aqueloutro, gente do seu tempo. Dalcídio ao me ver chegar de Belém, primeirinho jantar, primeiro encontro, e logo que tínhamos um sossego, os dois, uma calma, um momento a sós, ele: “Mas me conte do Machado, do De Campos, do Bruno! E o Mendes? O Ruy? E o Levy!



me fale do Levy! Ah!, o Moura, não é seu chefe? me diga! E o Cléo Bernardo? Ainda escreve? Advoga? Fale-me deles!” Não. Ele do seu Pará nunca se desgarrou, trazia-o no peito, na mente, nos olhos, o seu mundo.

Mas houve um momento em que começou a resignar-se a não mais rever a sua terra. Quando foi isso? Não estou certa. Ele todavia teve um pudor tremendo de pedir fosse o que fosse, muito mais a poderosos. Um santo horror. Porém Durval o convidava, insistia: “Dalcídio, mando-lhe a passagem, você vai, lá conosco não tem despesas, a nossa casa é sua”. Tocou-o gesto de Durval? Não recusou, categórico. Disse: “Mais tarde, veremos, quem sabe”. Alguma coisa se partira dentro dele depois da morte de João, seu desejo de ir a Soure, aos Campos, a Ponta de Pedras. Tudo foi virando projeto mais e mais recuado. Até que nós mesmos, eu própria - como pude? - fui achando a bem dizer natural que ele não mais viesse a Belém.

Lana, nossa amiga comum, entretanto não descansava nem se dava por vencida. Ele foi pertinaz, constante, nesse desígnio, idéia que teve antes de entrar para a Faculdade. E, universitária, um dos cuidados seus foi, e a ele não renunciava: “Linda, vamos mandar buscar o Dalcídio! Ele *tem* que vir, *agora!* O “agora” foi ficando velho... um ano, dois, três, ela esperava ainda, Dalcídio já doente mas isso não a demovia, e responsabilizava-me, quase: “Tu estás sempre com ele, nas cartas, nas viagens, convence-o, arrasta-o, arranca-o daquele Rio de Janeiro, ao menos uma semana conosco, aqui, tu podes”! Mas eu a essa altura sabia? Que seria vã toda tentativa? Ele próprio consciente demais do impossível retorno ao seu lugar? Que isso não importava mais? Não: mas que volver ou não a Belém, ao Pará, ao Marajó, rever ou não mais uma vez aquilo tudo era coisa de somenos, pleonástica, tudo estava lá com ele e de modo bem mais vivo, bem mais pungente que através dos “olhos de ver” - em livro, e nele tão entranhado como a lembrança do seu filho morto?

Eneida não amou o Pará mais que Dalcídio, creio. Ela amou diferente. Quando doentíssima, agarrava-se a Belém e nem queria regressar ao Rio, isso nós, próximos dela cada dia, sentimos bem. Ali queria ficar, ir ficando, até o fim. Não pôde. E foi bem trstinha - um risinho amargo - resignado - que Eneida “aceitou” voltar ao Rio, em cadeira de rodas, “uma boneca quebrada”, como ela mesma disse. Assim foi que tomou aquele derradeiro avião.

Quanto a Dalcídio, Lana chegou a ir lá, ao apartamento das Laranjeiras, fazer-lhe o convite,

especial, em seu nome, da sua turma, e de todos os estudantes de Letras. Ele me relatou o fato, desvanecido. Mas como alguém que é ciente, de maneira irreversível, de que tal viagem não faria nunca. Sem tristeza, antes jubiloso. Um melancólico júbilo, se se pode dizer; sentiu não ter visto de perto o novo ambiente universitário do Pará, o Campus, o Núcleo Pioneiro. Quando eu lhe contava da Escola de Teatro, ouvia tudo muito atento, e pasmava: “Mas você, hem? Você no palco. Nunca vou acabar de me espantar com as suas presepadas”. Aí ele pulou: “Mas eu não quis brincar, duvidar, acho a Lindanor até muito capaz, muito mesmo. É que tudo isso é novo no Pará, novo para mim...” Todas estas coisas, ainda as que já não eram do “seu tempo”, interessavam-no em extremo.

- Me conta ainda do Machado Coelho. Não escreve nem um livro? Sempre naquela sala de noite, na cadeira de embalo, rodeado de amigos? O Machado tem muito talento”! E ficava matutando, calado, pensando no amigo longe, neles dois juntos, tempos idos, quem sabe. Às vezes concluía: “O Machado poderia ter escrito uma vasta obra: tem de quê e com quê”.

Amigo era. Sabia ser. Apesar da aparente secura, ai que secura. Por vezes dava até um desânimo. A gente a derreter-se de amor por ele - as “odaliscas” que eu dizia, Rute, Eduarda, Lindanor, à sua volta, ali a aparar-lhe os desejos, cumular-lhe de carinhos. Ele era o Alfredo de *Três casas e um rio*, mal aceitando, quando não repelindo os amorosos desvelos de Lucíola, era?

Lindanor Celina é escritora paraense radicada hoje em Paris. Autora de “Pranto por Dalcídio Jurandir”, “Menina que vem de Itaiara”, e “Estradas do Tempo - Foi”.

